

## UM PÊNIS FORA DO LUGAR: EM DEFESA DA FANTÁSTICA IGUALDADE DOS SEXOS

Martha Giudice Narvaz <sup>1</sup>

**Resumo:** A diferença sexual tem sido associada ao pênis na semântica Freudiana e ao falo na teoria lacaniana. Ainda que simbólica, tal associação tem efeitos imaginários poderosos na cultura. Uma vez que a diferença sexual foi historicamente convertida em desigualdade e assimetria para justificar o sistema de exclusão das mulheres dos espaços de poder e instrumentar sua sujeição, os estudos feministas e de gênero, destituindo o pênis/falo deste lugar, propõem pensar a diferença em outra lógica que não a falocêntrica. Nesta operação, a reivindicação feminista de igualdade política entre os sexos/gêneros tem sido equivocadamente compreendida por alguns psicanalistas como anulação da diferença sexual, objeto de problematização no presente trabalho.

**Palavras-chave:** Gênero; Feminismo; Psicanálise.

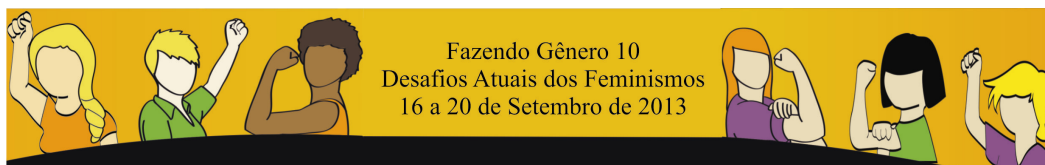
A diferença sexual e, a partir dela, a constituição da feminilidade, tem sido tema controverso tanto no campo dos estudos de gênero e nos feminismos quando no campo psicanalítico. A psicanalista Maria Cristina Poli (2007) retoma elementos fundamentais da contribuição de Freud e Lacan para a teorização da diferença entre os sexos, esperando poder avançar no debate sempre tenso entre psicanálise e estudos de gênero. Para ela,

A tematização da “diferença sexual” nas obras de Freud e de Lacan parece ser um desses pontos sobre o qual impera um “desconhecimento seletivo”. Ela é sempre re-evocada para reafirmar preconceitos históricos, certamente que não de todo desprovidos de fundamento, mas também já enferrujados pelo jargão (POLI, 2007, p.280).

Buscamos demonstrar, neste trabalho, que preconceitos históricos acerca das mulheres, da feminilidade e da teorização da diferença sexual permanecem no discurso psicanalítico ainda na atualidade, daí a necessidade de insistir neste debate em direção à superação de alguns equívocos, sobretudo no que concerne à enunciação de que as reivindicações feministas buscariam “(...) uma fantástica igualdade dos sexos” (GOLDENBERG, 2005, p. 19), pois, “frente às novas exigências e reclamações do discurso feminino, que espera um novo posicionamento masculino, assistimos, talvez, à tentativa de anular a diferença sexual” (NUNES, 2004, p. 37)

---

<sup>1</sup>Professora adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul –Uergs, Porto Alegre, Brasil.

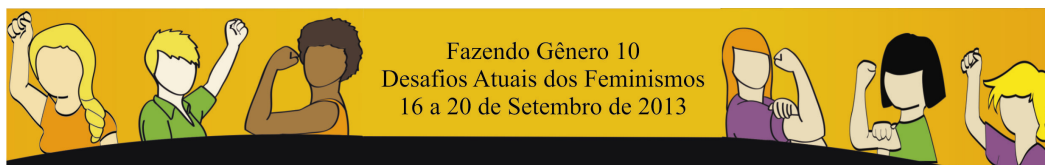


## O enigma da diferença

Desde Freud, o ocidente tem tentado resolver a questão da diferença e da significação sexual com o recurso à anatomia, o que evidencia a constituição determinista, positivista e naturalista inicial da psicanálise. O recurso à anatomia aparece na designação do pênis como o referente material da constituição da diferença sexual. Oscilando em textos de diferentes épocas, a referência à anatomia não é, contudo, uma posição estabilizada no discurso freudiano (POLI, 2004). Tal posição evidencia-se na famosa frase ‘anatomia é destino’, proferida por Freud (1912/1967), em ‘*Sobre uma degradação geral da vida erótica*’. Reafirmada em 1924, no texto ‘*A dissolução do complexo de Édipo*’, para Freud (1924/1967), os diferentes destinos de homens e de mulheres são condicionados à forma como cada sexo experimenta a castração: já que as meninas não têm pênis, devem renunciar ao desejo de possuí-lo, substituindo-o pelo desejo de ter um filho. Em ‘*Algumas considerações psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*’, texto de 1925, ele afirma o fundamento anatômico, genital, como o dado natural sobre o qual se apoia a teoria da sexualidade infantil – ter ou não ter pênis - na definição dos destinos das posições de homens e de mulheres (FREUD, 1925/1967). Já em “*Psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*”, Freud (1920/1967) contradiz o fundamento anatômico como pressuposto para a constituição da identidade sexual, distinguindo três elementos independentes nessa trama: 1) a identidade psíquica, associada à passividade feminina e à atividade masculina; 2) a escolha de objeto amoroso; e, 3) os caracteres sexuais anatômicos. A partir de 1920, então, a constituição da masculinidade e da feminilidade são relativamente descoladas da anatomia, uma vez mediadas pelo trabalho das pulsões (NUNES, 2004; POLI, 2004). Mesmo tentando escapar da tradição biologicista, Freud (1920/1967) permaneceu capturado pela lógica heterossexista e falocêntrica: a homossexualidade feminina é compreendida como formação defensiva, proteção convocada contra a corrente libidinal heterossexual mais profunda que liga a mulher ao pai (ANDRÉ, 1996).

## Psicanálise e misoginia

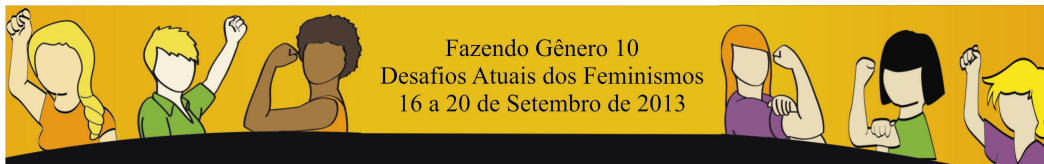
A diferença anatômica, invocada especialmente nas formulações iniciais do pensamento freudiano, seguiram sendo reafirmadas, “fortemente carregadas de conteúdo misógino” (POLI, 2004, p. 19). Para Freud, “criador da mulher histérica e da libido única” (ROUDINESCO, 2003, p. 134), as mulheres são sedutoras, vorazes e mortíferas (MANNONI, 1999), pois, mesmo não tendo participado do ‘assassinato do pai’, foram elas que seduziram os homens e provocaram as rivalidades masculinas, incitando-os ao crime (ASSOUN, 1993). Segundo ele, passivas, castradas e



naturalmente masoquistas, as mulheres são feitas para o amor e para a maternidade, não devendo ser encorajadas a exercerem uma profissão, dado que “são mais débeis e sua capacidade de sublimação é menor que a dos homens” (FREUD, 1931/1967, p. 942); incapazes de militarem pela igualdade, uma vez que “seu escasso interesse social e sentido de justiça depende do predomínio da inveja em sua vida psíquica” (FREUD, 1931/1967, p. 942), devem submeter-se ao seu destino biológico de serem esposas e mães. A inveja do pênis e a não aceitação da passividade e da castração as torna neuróticas, perversas ou histéricas (FREUD, 1914/1967). No ensaio intitulado “*A feminilidade*”, Freud (1933/1967) creditou às mulheres, que, segundo ele, pouco contribuíram para as descobertas e invenções da história da civilização, uma invenção singular, o tecer panos para esconder sua castração. A motivação inconsciente seria a necessidade de cobrir sua falta. Tendo que esconder seu nada, recusando-se a expor sua nudez, onde não há mais nada a esconder, extrairia secundariamente um lucro, ao transformar a falta num tesouro de ‘encantos’, dissimulação da mascarada. A tecelagem oporia a essa falta um paciente trabalho de reparação. Essa misteriosa ligação entre a falta e Eros é que Penélope encarna, retomando sua tecelagem do zero, como que para reexperimentar seu vazio, à espera de Ulisses a cada dia (ASSOUN, 1993; KEHL, 2004).

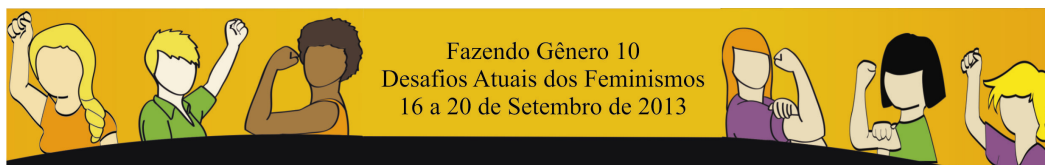
A psicanálise freudiana vincula à proibição do incesto e à primazia fálica a constituição da sexualidade. Tal primazia seria uma primazia defensiva, cuja função é recalcar uma feminilidade que não é castrada, mas sim orifical (RIBEIRO, 2005). Tanto a masculinidade quanto a feminilidade secundária são constituídos enquanto superação defensiva e denegativa de um estado primitivo do eu, originalmente feminino, passivo e penetrado. O mecanismo de formação das subjetividades masculina e feminina depende “do estabelecimento de uma oposição entre penetrante e penetrado, mas apoia-se principalmente no recalçamento da posição penetrado” (RIBEIRO, 2005, p. 254). Freud também não escapa do registro fálico ao descrever os primórdios da relação mãe/criança como uma “relação de penetração”, bem como ao enunciar o caráter secundário e defensivo da masculinidade em relação à posição primária e originária da passividade orifical do feminino (RIBEIRO, 2005).

A concepção falocêntrica de Freud aparece igualmente na associação entre passividade e feminilidade: a mulher teria uma tendência natural à passividade, e o homem, uma tendência natural à atividade. Castrada e passiva são equivalentes, uma vez que a passividade é uma depressão pós-castração. Foi contra essa passividade que se empenhou o primeiro núcleo de psicanalistas críticos da teoria Freudiana sobre a sexualidade feminina. A necessidade de desvincular a articulação feminilidade/passividade do discurso desvalorizador no qual ela é habitualmente tomada evidencia-



se quando se evocam as relações entre feminilidade e masoquismo (NUNES, 1998). Estes dois conceitos inscrevem-se no fluxo milenar das representações sociais, históricas e ideológicas que associam a mulher ao sofrimento, desde o *'Ele te dominará'* bíblico. Mais incômodo ainda é o discurso freudiano sobre o masoquismo feminino. Na conferência sobre *"A feminilidade"* Freud (1933/1967) sublinha a necessidade, em todas as considerações sobre as relações entre masoquismo e feminilidade, de levar em conta a influência das organizações sociais na maneira como estas 'acuam as mulheres para as situações passivas'. A organização social que acua as mulheres para situações passivas seria apenas uma injunção reativa que visa a conter o excesso pulsional relacionado com o desejo feminino. Em seu princípio, encontramos a primazia do falo e, por trás dela, o que ela dissimula ou nega: a dominação exercida pela angústia de castração na psique masculina. O masoquismo feminino, versão forçada à passividade, é o fruto da intersubjetividade inconsciente: propõe no espelho, aos homens ameaçados pela angústia, a imagem tranquilizadora de uma derrota que lhes é poupada. Sofrimento feminino e dominação viril formam um velho par, um dos sexos exigindo do outro, o 'sexo frágil', que ele represente, sozinho, a ferida da castração (ANDRÉ, 1996).

Embora atento às contestações femininas e aos trabalhos das analistas mulheres que o influenciaram de 1925 a 1940, "a relação de Freud com a mulher é marcada pelo temor à sedução, da qual ele se defende, e à morte, figura do destino que assume os traços da mãe" (MANNONI, 1999, p. 88). Freud sempre concedeu à feminilidade uma dimensão obscura e enigmática (POLI, 2004). Os problemas contratransferenciais enfrentados no tratamento de Dora bem como a recusa de sua feminilidade são fruto de seus preconceitos e das suas dificuldades com as mulheres, com o feminino e com sua própria mãe, apontam diversos psicanalistas (ANDRÉ, 1998; CELES, 2007; FORRESTER, 1990). Evidente está que o discurso freudiano enuncia-se desde uma posição burguesa, patriarcal e conservadora (ASSOUN, 1993; BERTIN, 1990), marcas do falicismo de seu tempo. Para ele, "as mulheres tinham como função ser anjos a serviço das necessidades e do conforto dos homens" (MANNONI, 1999, p. 29). Em sua correspondência particular com Martha, então sua noiva, em 1883, a propósito da leitura desta do ensaio de John Stuart Mill, intitulado *"A emancipação das mulheres"* (1869), Freud diz, diante dos desejos de Martha de dedicar-se a alguma ocupação: "Espera um pouco; quando eu chegar, tornarás a te acostumar a ter um amo, e um amo severo, é verdade, mas não poderás encontrar outro que te ame tanto e que se preocupe mais com o que te diz respeito" (ASSOUN, 1993, p. 39). Freud combatia a tese da autonomia econômica das mulheres por entender que as mesmas já teriam coisas demais a fazer com suas ocupações

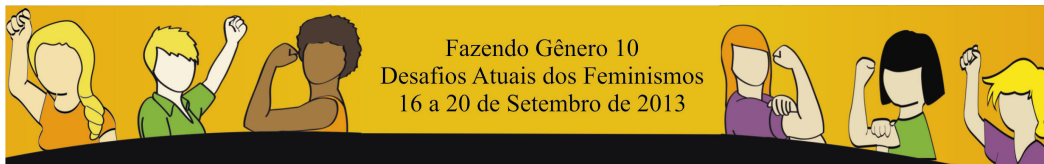


domésticas para que lhes seja imposto, além disso, trabalhar. Para ele, “é impensável querer lançar as mulheres na luta pela vida, à maneira dos homens”, evocando a tese da fraqueza comparativa das mulheres na ‘seleção natural’ social. A educação das mulheres sufocaria, para Freud, o que havia de mais precioso nelas, sua doçura e ‘nosso [o dele, de Freud] ideal de feminilidade’. O ideal de feminilidade ao qual Freud se referia era o ideal da cultura conservadora, burguesa e patriarcal da Viena vitoriana na qual se constitui o discurso freudiano, que idealizava a doçura e a maternidade enquanto ideal e destino para as mulheres (ASSOUN, 1993; BERTIN, 1990).

Conforme Birman (1999), ainda que o desejo feminino tenha sido reconhecido desde Freud, nos seus escritos dos anos 20 e 30 sobre a sexualidade feminina ele enunciou categoricamente que a mulher estava fadada à maternidade. Recuando, posteriormente, nos ensaios ‘*Sobre a sexualidade feminina*’ (FREUD, 1931/1967), acredita que as mulheres poderiam ter três diferentes destinos ao descobrirem sua castração e a falta do pênis/falo: a neurose e a inibição sexual, a virilidade feminina e a maternidade. Ser verdadeiramente mulher implicaria não apenas o reconhecimento de sua condição castrada, pela ausência do pênis/falo, como também a assunção da maternidade. Caso contrário, a figura da mulher estaria fadada ao destino trágico da inibição sexual, da neurose e da perversão, pois, maculada pela anomalia e pela patologia de seus humores eróticos, alimentaria em si mesma a pretensão secreta de ter o pênis/falo e de ser como um homem. Freud manteve, assim, o estatuto das mulheres estabelecido no século XVIII, segundo o qual elas seriam mães por natureza, o que implicava a redução de sua inscrição como sujeito no espaço familiar, na reclusão da domesticidade da família burguesa (BIRMAN, 2001).

### **O paradoxo igualdade/diferença: Entre o público e o privado**

O pensamento sobre a diferença entre homens e mulheres é indissociável da dialética público-privado (KEHL, 2004), aspecto já assinalado pelo feminismo ao enunciar que o pessoal é também político, atravessado por relações de poder (SCOTT, 1986). Sabe-se que a psicanálise é tributária da modernidade, quando o declínio do poder do soberano, do Estado centralizador e do poder patriarcal foi substituído por novas formas capilares de poder disseminados pela estrutura social. Até esta época, o que poderia ser reconhecido como valor fálico estava garantido pela presença dos homens na esfera pública, seja na guerra, seja na corte, seja nos embates do poder. O poder patriarcal foi sendo deslocado para o poder do pai na domesticidade da família burguesa. Neste momento, as fronteiras entre público e privado se flexibilizaram e a diferença entre homens e mulheres se agudizou. Ao mesmo tempo em que as mulheres se deslocavam do lugar tradicional de

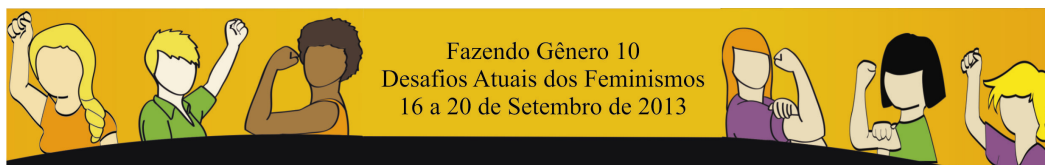


mãe e esposa, espaço privado que a cultura lhes reservava, a masculinidade deslocou-se do espaço público para a privacidade doméstica. Se, para as mulheres, os avanços sobre campos tradicionalmente masculinos são ganhos, para os homens, identificações com campos tradicionalmente femininos são consideradas perdas de virilidade (KEHL, 2004). A partir daí agudiza-se a necessidade de demarcação da diferença.

Foi essa ruptura crucial que se realizou no campo social nos anos 80, sendo o discurso feminista o pano de fundo e a condição concreta de possibilidade de outra enunciação sobre as mulheres e sobre o feminino, que já não passa mais pela obrigatoriedade da maternidade (BIRMAN, 1999, 2001). Ainda que Freud tenha-se deixado ensinar pelas ‘bocas de ouro’ que foram suas primeiras pacientes, que não teriam tido direito à palavra em nenhum dos discursos tradicionais de seu tempo, a psicanálise nunca fez sua a ‘causa das mulheres’, o que explica sua relação conflitante com o feminismo, que comumente rejeita Freud e o freudismo concedendo, não sem reservas, certo crédito a Lacan (MICHELS, 2001).

A partir de Lacan (1958/1998), a castração passa a ser simbólica, metáfora não mais referida diretamente à anatomia. O falo não é, na leitura lacaniana, o pênis, leitura que se contrapõe à semântica freudiana (ANDRÉ, 1998). A sexualização dá-se, então, em relação à enunciação do desejo e não ao suporte anatômico (POLI, 2004). Em ‘*A significação do falo*’, Lacan (1958/1998) afirma que o falo não é um objeto, não é um símbolo e também não é um órgão, mas um significante que remete à questão da presença-ausência de algo. Portanto, ninguém possui ou *é* o falo, trata-se aí de um significante: o significante de uma falta, do desejo do Outro, do que é desejável. Enquanto significante da falta, não remete apenas à diferenciação entre masculino e feminino, mas também a outras diferenças. O falo é aquilo do qual as mulheres estão privadas e, para os homens, é aquilo que lhes falta em relação à sua imagem ideal. A ausência do pênis no corpo da mulher evidencia aí uma falta (AMARAL, 2004; MEES, 2004), metáfora da castração. O que preside a diferença entre os sujeitos não é, portanto, a diferença anatômica, mas sua posição em relação à falta (INFANTE, 2004). Toda a formulação freudiana, entretanto, sobre o complexo de castração e as consequentes posições subjetivas feminina e masculina, organiza-se a partir da suposta primazia da masculinidade e do pênis, e não do significante *falo*, como pretende a corrente lacaniana (RIBEIRO, 2005). Há que se reconhecer que em Freud, o pênis e o pai são suportes quase naturais do valor fálico. Não há, para o autor, muita distância entre o símbolo e sua encarnação imaginária (POLI, 2007).

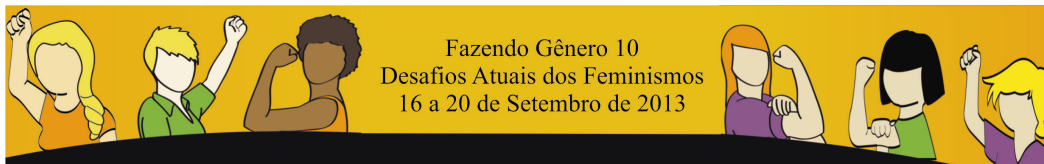
A psicanálise parece reconhecer que a ligação entre falo e pênis, ao longo dos séculos, tem deixado as mulheres à parte da produção das representações fálicas na cultura ocidental



(TAVARES, 2004), bem como engendra uma impostura, a impostura do macho, que consiste em fazer crer que o pênis é o falo (KEHL, 2004). Crença delirante, de significante, o falo passou, na civilização ocidental, a signo, figura central do falocratismo: “para o masculino-signo, o pênis é a garantia da posse do falo; ele desconhece que, para além de todo Viagra, o pênis não é o falo” (INFANTE, 2004, p. 147). O outro é sempre o feminino, para qualquer um, homem ou mulher. Já o masculino, em sua simbolização fálica, é para todo o mundo o mesmo. O falo é o primado de um sexo, apenas um, sem outro, marcado senão por sua própria ausência: “a lógica fálica apaga a alteridade, reduz à figura do mesmo, quer o tenhamos ou não. Uma lógica como esta nunca introduziu a diferença entre os sexos, é apenas *um sexo* que faz a diferença” (ANDRÉ, 1996, p. 62), ou seja, o masculino. Na ordem do desejo, a mulher e o homem giram (ambos) em torno da castração (ASSOUN, 1993). Também em Lacan (1958/1998), a posição masculina estaria sempre se referindo ao Outro sexo, à alteridade desempenhada pelo feminino. O Um masculino olha o feminino em sua negatividade, apaga as diferenças do feminino como Outro e lhe amarra na posição de refém (ARÁN, 2006; BIRMAN, 1999).

Sustentar a ideia de que o falo é naturalmente masculino é um delírio coletivo da cultura, e não da psicanálise, lembra Jerusalinsky (2004). Cada cultura atribui ao falo traços que o definem, investindo de uma condição de poder e de autoridade quem o representa. É a posse imaginária do falo o que habilita alguém a ser representante da lei, definição esta que é arbitrária. O falo tem diferentes posições em termos de ter, não ter ou de seu exercício, possibilidades estas que não se esgotam na diferença sexual, envolvendo outras marcações da diferença. A condição fálica não tem, portanto, nada de natural, e pode estar situada em qualquer lugar. A milenar associação entre falo e cetro investiu um fragmento do real - o pênis - de uma potência que, mesmo ficcional, provocou efeitos imaginários. Essa posição mítica situou o nome do portador do falo - o pai - como representante da lei e da ordem, gerador de origem e referente da filiação (JERUSALINSKY, 2004, 2007).

Na cultura ocidental, o falo tem sido o representante simbólico e imaginário do pênis erétil, representação esta encontrada desde as encenações mitológicas: o deus grego da fertilidade, Príapo, ostentava seu pênis ereto, “sinal de que o outro, seja homem, seja mulher, despertou no sujeito seu desejar, fenômeno indispensável para a realização da cópula sexual” (BETTS, 2005, p. 82). Em momentos nos quais os atributos de força física eram imprescindíveis para assegurar a posse das terras, dos Estados e das mulheres, a força masculina talvez encontrasse justificação na representação fálica associada ao pênis fertilizador e conquistador. A história mostra que, desde o



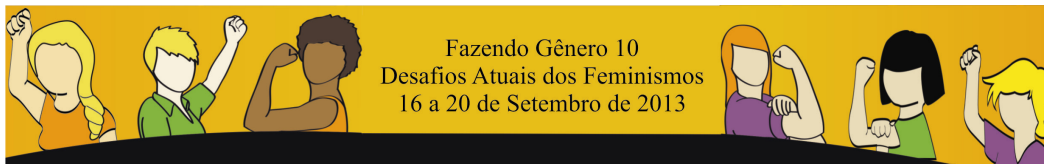
início da modernidade, vem havendo uma desconstrução progressiva desta lógica. Com o avanço tecnológico da era moderna e com as conquistas das mulheres de espaços antes reservados aos homens, empreendidas pelas feministas, deslocou-se o eixo força-coragem para o eixo pensamento-habilidade. Estes sucessivos golpes à imagem do patriarca sustentado pelo seu atributo natural desamarraram o falo do corpo masculino (MARAZINA, 2005). O divórcio entre a anatomia e a condição fálica separou pênis e falo. O falo assumiu diferentes formas de representação, ou seja, diversos objetos habilitam-se, desde então, como representantes do poder, do saber e do prazer, não sendo mais privativos de um sexo. O corpo masculino deixou de ser imaginado como a encarnação da potência em sua natureza, fazendo o falo circular na cultura contemporânea com infinitas máscaras. Ainda que historicamente tenha sido masculina, a investidura fálica pode estar em qualquer lugar e ser possuída por qualquer um (JERUSALINSKY, 2004, 2007).

### **Psicanálise e feminismo**

Desde Freud, a teoria psicanalítica oficial oscila quanto à concepção da sexualidade feminina: ora a partir da dialética do ter ou não o pênis-falo, segundo a qual a mulher seria inferior, castrada, masoquista e invejosa; ora a partir do registro lacaniano da sua 'não existência' (ARÁN, 2006; NUNES, 1998). De toda forma, o enigma da diferença sexual é abordado a partir da castração, que se apresenta sempre do lado das mulheres (KEHL, 2004). Além de não ter assinalado a singularidade psíquica na constituição da subjetividade feminina, na medida em que representou o Édipo feminino segundo o modelo do masculino, o discurso freudiano construiu uma imagem das mulheres e do feminino caracterizada pela passividade, pelo masoquismo e pela inveja, configurando uma teoria na qual a representação das mulheres é sempre negativizada e desvalorizada (ARÁN, 2006; BIRMAN, 1999). O próprio Lacan, falando das mulheres, permitiu-se declarar, embora com certo humor, "elas não sabem o que dizem, é toda a diferença entre elas e eu" (LACAN, 1972/1982, p. 99).

É contra estas produções discursivas desvalorizantes das mulheres e do feminino que as teorias feministas e de gênero se posicionam. Ainda que a psicanálise não tenha gerado a ordem falocrática que sustenta a distribuição de valores e de poderes na sociedade patriarcal, ela reforçou o imaginário delirante da teoria infantil "eles têm-elas não, imaginário que promoveu, ao longo da história, uma atribuição social do poder ao homem, que este recebia como algo que lhe era próprio, 'por natureza', enquanto possuidor de um pênis, garantia do brilho fálico" (MARAZINA, 2005, p. 19). O feminismo manifestou-se exatamente contra esse delírio coletivo, que elevou o pênis à





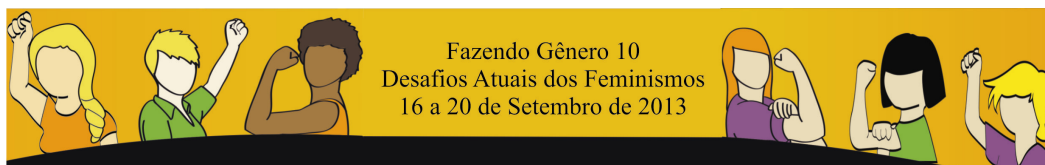
condição de cetro e de falo, reconhece Jerusalinsky (2007). É necessário interpretar o feminismo como uma crítica à cultura, superando o entendimento de que a teoria feminista serviria apenas para compreender as questões de gênero enquanto questões das mulheres (BORDO, 2000).

A questão colocada pelos discursos feministas e pelas teorias críticas às concepções tradicionais da sexualidade feminina, que emergem do próprio campo psicanalítico, é a reivindicação da consideração das especificidades das mulheres e a positivação do feminino, bem como a igualdade social e política, que são da ordem do político (MOUFFE, 1999). Perspectiva de gênero não significa consideração da mulher nem consideração das diferenças sexuais e sociais entre homens e mulheres enquanto tais, mas consideração das *desigualdades e das relações de poder inscritas nessas diferenças* (SUÁREZ, TEIXEIRA, & CLEAVER, 2002). Cabe destacar que ‘gênero’ como categoria de análise, *excede* à diferença sexual, servindo para compreender a rede complexa de relações de poder que organizam as relações sociais e que, politicamente convertidas em desigualdades e assimetrias, justificam ainda hoje o sistema de exclusão das mulheres dos espaços de poder (SCOTT, 1986).

### **Um pênis fora do lugar...**

Diante da crise da masculinidade, do declínio da ordem patriarcal (BETTS, 2005, JERUSALINSKY, 2004, 2007) e da função paterna, decaída a partir da modernidade (BIRMAN, 2000) a experiência erótica de mulheres ‘desencantadas’ com a impostura dos machos (Kehl, 2004) é equivocadamente interpretada por alguns psicanalistas como “neolesbianismo neurótico” (GOLDENBERG, 2005, p. 109). O horror à feminilidade aparece agora como horror à igualdade entre os sexos, que a confundem com a não-diferenciação e com o apagamento dos traços que marcam a diferença sexual. Para a psicanalista Eda Tavares (2004, p. 50),

após séculos, em que as mulheres ficaram à parte da produção das representações fálicas na cultura devido à ligação entre falo e anatomia, em meados do século XIX, iniciou-se o movimento feminista, lutando pela igualdade política e social entre os sexos. Na tentativa de apagar as diferenças que discriminaram e submeteram as mulheres ao longo da história, surge, neste movimento, a tentativa da igualdade total entre os sexos, uma proposta de apagamento dos traços que marcassem a diferença sexual (...) a modernidade, na tentativa de acabar com a opressão da mulher, tomou o caminho do apagamento das diferenças em consonância com o ideal de acabar com as representações da castração, de criar um mundo sem falta (...) [cuja consequência seria] o apagamento de toda diferença sexual.



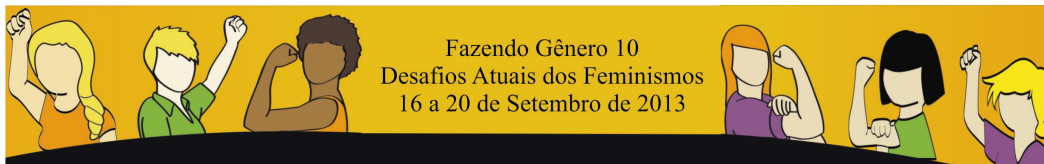
Também para o psicanalista Otávio Nunes, há um discurso social que feminiliza o homem:

a posição do homem feminilizado é que parece não trazer nenhum incômodo e nenhuma ameaça à mulher. Um tipo que, mesmo falando com voz grossa, funciona como uma espécie de falo *drag-queen* (...), portador, para geral espanto, de um pênis. Pênis que pode estar mal colocado, que talvez confunda e esteja fora do lugar (...), mas que reclama pelo reconhecimento de sua existência (NUNES, 2004, p. 37).

No entender de Birman (1999a), é o imperialismo do falo que levaria à não-diferença e ao que Freud enunciou como ‘homossexualismo civilizatório’, e não as reivindicações de igualdade, que são da ordem do político. Não se trata de anular a diferença sexual e nem tampouco de invocar um ideal de autonomia enquanto negação da dependência do outro. Trata-se de anular a lógica fálica e a impostura desse discurso, chancelado pela psicanálise ‘oficial’ (ARÁN, 2006) que, ideologicamente comprometida com concepções misóginas sobre o feminino e sobre as mulheres, “as pretendem passivas para instrumentar sua sujeição” (ASSOUN, 1993, p. XIII). A posição do ‘homem feminilizado’ deve ser entendida aqui como possibilidade de subjetivação marcada pela feminização criativa, heterogênea e não arrogante ou totalizante da postura fálica, herdeira do projeto de dominação masculina (BIRMAN, 2001).

Nesse sentido há, sim, *um pênis fora de lugar*, pois de significante o falo passou a signo, figura central do falocratismo: “para o masculino-signo, o pênis é a garantia da posse do falo; ele desconhece que, para além de todo Viagra, o pênis *não é* o falo” (INFANTE, 2004, p. 147). Evidencia-se aí uma impostura, a impostura do macho, que consiste em fazer crer que o pênis *é* o falo, mítica delirante a qual alguns permanecem ainda capturados. Há um pênis mal colocado [e caberia aqui perguntar: foi colocado assim por quem e em nome de quem?], um pênis fora *do* lugar: ao invés de estar em *seu* lugar, foi colocado *no* lugar de signo universal, de cetro e de poder, não mais como possível ‘lugar’ de prazer e de troca, de encanto do desejo do encontro, denunciador do espetáculo da diferença que marca a incompletude humana (BIRMAN, 1999, 2001). Há que se pensar a diferença puramente como diferença. Destituir a diferença sexual de uma diferença de valor e compreendê-la como ‘mínima diferença’, como o que nos constitui a partir da vivência das consequências psíquicas da diferença sexual anatômica, diante da angústia da castração (KEHL, 2004).

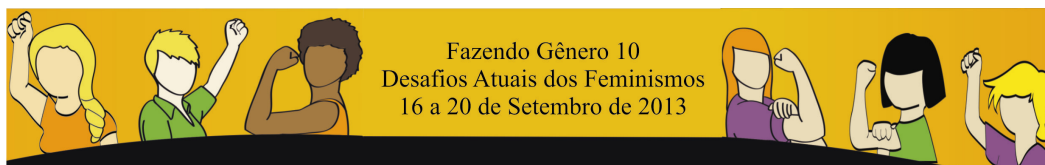
A recusa em tornar-se ou permanecer homem ou mulher aprisionado(a) às normas de gênero, sejam elas determinadas pela biologia ou pela ordem simbólica patriarcal, é uma reivindicação subjetivante e política (HARAWAY, 2004) de igualdade em termos de acesso aos



direitos fundamentais que historicamente têm sido negados às mulheres. Introduzida no campo dos estudos feministas e de gênero pelas teorias pós-estruturalistas e desconstrucionistas (BUTLER, 2004), os discursos feministas têm reivindicado exatamente a consideração das diferenças, não mais constituídas sobre as oposições binária masculino/feminino, mas sobre uma multiplicidade paradoxal entre igualdade e diferença (SCOTT, 2005) que articula corpo, gênero, sexualidade, desejo, classe social, raça/etnia, geração, crenças religiosas e especificidades culturais (HARAWAY, 2004). As reivindicações feministas não buscam negar a diferença sexual ou apagar os traços da diferença sexual, com o que concorda Lajonquière (2000, p. 77):

o reclamo de uma distribuição igualitária de direitos – ou seja, de poderes sociais – não necessariamente implica a crença de que não haveria diferença sexual, ainda que algumas ultrafeministas possam confundir ambos os registros, assim como não poucos psicanalistas homens.

Se há desejo de anulação talvez seja o de anular a ordem “falocêntrica” (FRAISSE, 1996, p. 116) em favor de outra que privilegie a singularidade e a diversidade. Sair do universo fálico para pensar a questão da diferença não significa mergulhar na indiferenciação, mas desnaturalizar essa construção, resgatar sua historicidade e pensar a alteridade a partir de outra lógica que não a fálica (ARÁN, 2006; BIRMAN, 1999, 2001). Trata-se, portanto, de não reproduzir o modelo masculino em que o outro – o feminino – assume o lugar do objeto, e o Um – masculino – se forja como universal (BORDO, 2000; FRAISSE, 1996). Não se trata nem de “neo-lesbianismo neurótico” e nem de “imbecilidade inominável”, tal como enunciados por Goldenberg (2005, p. 109), buscar desalojar o falicismo da linguagem universalizante do masculino e contestar as normas aprisionantes do gênero; trata-se isto, sim, de denunciar que as verdades que foram construídas sobre as mulheres e sobre a feminilidade são “verdade de alguns homens – sujeitos dos discursos médico e filosófico que constituem a subjetividade moderna – e não a verdade das mulheres” (KEHL, 1998, p. 15). Para Assoun (1993), a verdade da psicanálise é a verdade das mulheres, uma vez que a feminilidade é um dizível contínuo sobre o inconsciente, no qual a histérica denuncia, através de seu sintoma, uma das causas de sua infelicidade: a de uma civilização demasiado fálica. Enquanto a sexualidade masculina se garante no gozo fálico e o homem visa o poder para vencer o horror provocado pelo feminino, negando-o e amordaçando-o, a sexualidade feminina pede apenas pelo amor do Outro, sempre *por-vir*. A mulher, que transita mais facilmente através dos dois



campos da sexualidade humana, é aquela que dá testemunho deste Outro gozo quando, ao se excluir do gozo fálico, o excede, forma de revelar sua alma desejosa do desejo do Outro (ASSOUN, 1993).

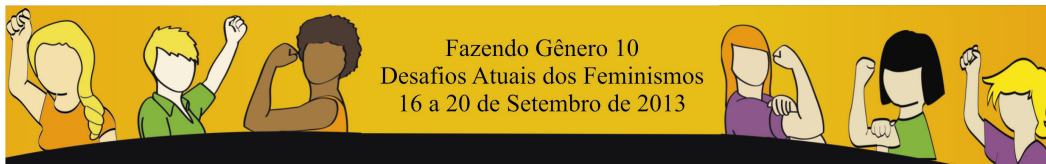
### **Considerações finais**

As reivindicações feministas introduzem na cena teórica contemporânea a desconstrução da lógica falocêntrica, patriarcal e conservadora (FRAISSE, 1996) através da qual as diferenças percebidas entre os sexos foram politicamente convertidas em desigualdades e assimetrias para justificar o sistema de exclusão das mulheres dos espaços de poder (SCOTT, 1986, 2005). Trata-se de anular não a diferença sexual, mas a lógica fálica delirante (JERUSALINSKY, 2004) que se faz impostora (KEHL, 2004), chancelada pela sociedade patriarcal (BETTS, 2005) e incorporada por algumas posições enunciativas míopes e misóginas sobre o feminino e sobre as mulheres. Neste sentido, há muito 'o pênis' está fora *do* lugar e talvez tenha que encontrar um outro lugar e colocar-se de outra forma para ser reconhecido e desejado por aqueles e aquelas de todos e quaisquer (trans)gêneros que inventam outros arranjos de sociabilidade e de parceria erótica e afetiva entre homens e entre mulheres (BIRMAN, 2001; KEHL, 2004).

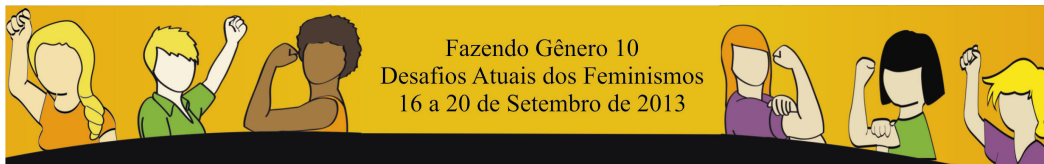
É preciso recuperar outras leituras dentro do campo psicanalítico sobre a constituição dos corpos-sujeitos, das subjetividades e do gênero. Nestas outras leituras, novas formas de subjetivação, engendradas segundo outros paradigmas, possibilitam pensar homens e mulheres desatrelados(as) do 'destino da sua natureza'. Isso implica reconhecer e validar que podem ser inventadas novas, complexas e criativas formas de ser homem e/ou mulher, tais como se observa nos novos arranjos de sociabilidade, nas relações amorosas e na vida cotidiana. Neste contexto, o homem não é mais o rival da mulher, o inimigo a quem deve fazer votos de ódio e de quem ela quer se vingar por sua arrogância. O homem pode ser um companheiro, um 'igual' - para além da diferença sexual - o que confere outra positividade às relações entre os gêneros (ARÁN, 2003; BIRMAN, 1999, 2001) e, talvez, às relações entre psicanálise, estudos de gênero e feminismos.

### **Referências**

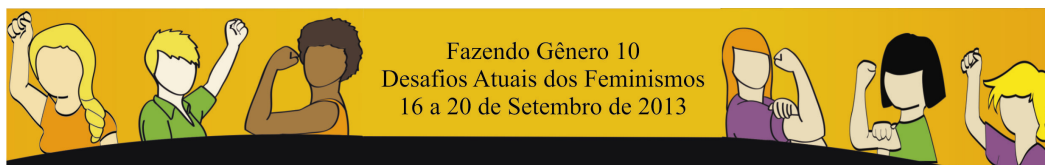
- ALLOUCH, Jean. *Atualidades do sexual*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 27, 2004, p. 117-127.
- AMARAL, Inajara E. *Intersexo: Problemáticas entre o corpo e a identidade sexual*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 27, 2004, p. 78- 89.
- ANDRÉ, Jean-Jacques. *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.



- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro, Zahar, 1998.
- ARÁN, Márcia. *Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 2, n. 11, 2003, p. 399-422.
- \_\_\_\_\_. *O avesso do avesso: Feminilidade e novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.
- ASSOUN, Paul-Lauren. *Freud e a mulher*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.
- BERTIN, Célia. *A mulher em Viena nos tempos de Freud*. Campinas, Papirus, 1990.
- BETTS, Jaime. *Entre mito e complexo: O que vale o pênis no século XXI?* Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 28, 2005, p.71-85.
- BIRMAN, Joel. *Por uma estilística da existência: Sobre a psicanálise, a modernidade e a arte*. São Paulo, Editora 34, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Cartografias do feminino*. São Paulo, Editora 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. Insuficientes, um esforço a mais para sermos irmãos! In: Kehl, Maria Rita. *Função fraterna*. Rio de Janeiro, Relumê-Dumará, 2000, p. 171-208.
- \_\_\_\_\_. *Gramáticas do erotismo: A feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.
- BORDO, Susan. *A feminista como o outro*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 1, n. 8, 2000, p. 10-29.
- BUTLER, Judith. *Undoing gender*. New York, London: Routledge, 2004.
- CELES, Luiz Augusto. *'Dora' contemporânea e a crise terapêutica da psicanálise*. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 1, n. 19, 2007, p. 137-154.
- FORRESTER, John. *Seduções da psicanálise: Freud, Lacan e Derrida*. Campinas, Papirus, 1990.
- FREUD, Sigmund. *Sobre una degradación general de la vida erótica*. In: Obras completas. Madrid, Biblioteca Nueva, 1912/1967, v. 1, p. 967-972.
- \_\_\_\_\_. *Introducción al narcisismo*. In: Obras completas. Madrid, Biblioteca Nueva, 1914/1967, v. 5, p. 1083- 1096.
- \_\_\_\_\_. *Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina*. In: Obras completas. Madrid, Biblioteca Nueva, 1920/1967, v. 1, p. 1004-1017.
- \_\_\_\_\_. *Psicología de las massas*. In: Obras completas. Madrid, Biblioteca Nueva, 1921/1967, v. 1, 1127-1160.
- \_\_\_\_\_. *El final del complejo de Edipo*. In: Obras completas. Madrid, Biblioteca Nueva, 1924/1967, v. 2, p. 501-503.



- \_\_\_\_\_. *Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia sexual anatómica*. In: Obras completas. Madrid, Biblioteca Nueva, 1925/1967, v. 3, p. 482-491.
- \_\_\_\_\_. *Sobre la sexualidad femenina*. In: Obras completas. Madrid, Biblioteca Nueva, 1931/1967, v. 3, p. 518-533.
- \_\_\_\_\_. Lección XXXIII: La feminidad. In: Obras completas. Madrid, Biblioteca Nueva, 1933/1967, v. 2, p. 931-942.
- FRAISSE, Geneviève. *La différence des sexes*. Paris, Presse Université de France, 1996.
- GOLDENBERG, Ricardo. *A fantástica igualdade dos sexos*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 28, 2005, p. 150-157.
- HARAWAY, Donna. 'Gênero' para um dicionário marxista: *A política sexual de uma palavra*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 22, 2004, p. 201-246.
- INFANTE, Domingos. *O masculino-signo e o masculino-significante*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 27, 2004, p.146-151.
- JERUSALINSKY, Alfredo. *Perfurações*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 27, 2004, p. 9-17.
- \_\_\_\_\_. *O declínio do império patriarcal*. São Paulo, USP, 2007.
- KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A impostura do macho*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 27, 2004, p. 90-102.
- LACAN, Jacques. *A significação do falo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1958/1998.
- \_\_\_\_\_. *O seminário: Livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972-1973/1982.
- MANNONI, Maud. *Elas não sabem o que dizem: Virgínia Woolf, as mulheres e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- MARAZINA, Isabel. *O espelho e os homens: Considerações sobre os reflexos na masculinidade de hoje*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 28, 2005, p. 16-22.
- MEES, Lúcia Alves. *Estilo de vida, autoajuda e corpo da masculinidade contemporânea*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 27, 2004, p. 38-48.
- MICHELS, André (2001). Histeria e feminilidade. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, 2001, p. 33-51.
- MOUFFE, Chantal. *Debate Feminista*. São Paulo, Melhoramentos, 1999.
- NUNES, Otávio Augusto. *Diferença sex-uau!*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 27, 2004, p. 29-37.



POLI, Maria Cristina. *Segregação urinária*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 27, 2004, p. 18-28.

\_\_\_\_\_. *A medusa e o gozo: uma leitura da diferença sexual em psicanálise*. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 2007, p. 279-294.

RIBEIRO, Paulo de C. *Gênero e identificação feminina primária*. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 11, n.18, 2005, p. 238-256.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

SARTI, Cynthia. *O feminismo brasileiro desde os anos 1970: Revisitando uma trajetória*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 12, 2004, p. 35-50.

SCOTT, Joan W. *Gender: A useful category of historical analysis*. *American Historical Review*, v. 5, n.91, 1986, 1053-1101.

\_\_\_\_\_. *O enigma da igualdade*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 1, n. 13, 2005, p. 11-30.

SUÁREZ, Mireya, TEIXEIRA, Marlene, & CLEAVER, Ana Julieta. *Gestão local e desigualdades de gênero*. Brasília, AGENDE, 2002.

TAVARES, Eda. *Azul e rosa*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 27, 2004, p. 18-28.

### **Penis out of the place: In defense of the fantastic sex equality**

**Abstract:** Sexual difference has been linked to penis in Freudian's semantics and to *phallus* in Lacan's theory. Despite it means a symbolic association, it have been such potent imaginary effect in culture. Once sexual difference had historically converted into inequality and asymmetry among women and men to justify exclusion of women of the power chairs and to instrument their subjection and weakness, feminist theories sent away penis/phallus linking, taking into account thinking sex/gender difference into another logic not falocentric one. Because this, genders and feminist studies claim about politic equality between sex/genders have been misunderstood by some psychoanalysts as extinguishing sexual difference, issues about we discuss in the present paper.

**Keywords:** Gender; Feminism; Psychoanalysis.